

UM OLHAR PARA A CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: DIALOGANDO COM O ESTÁGIO EM DANÇA

Carolina Martins Portela¹; CARMEN ANITA HOFFMANN²

¹*Universidade Federal de Pelotas – carol.pesquisaemdanca@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – carminhalese@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente texto busca apresentar reflexões iniciais sobre infâncias, partindo do referencial teórico e experiências que a autora vivenciou em seu estágio na área das Artes, com ênfase na dança, durante sua graduação em Dança - Licenciatura no ano de 2017, sendo um disparador para a pesquisa: “Educação em Artes e Processos de Formação Estética” atual no Mestrado, junto ao Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, na linha de pesquisa da Universidade Federal de Pelotas-UFPel, que tem como temática principal o corpo no ambiente escolar.

O referencial teórico que norteia a reflexão é a partir de Muller (2007) que contextualiza a construção das infâncias historicamente. Na sequência continuo o diálogo e a problematização, a partir das experiências vividas nos estágios, com novos questionamentos. Entendemos que é importante a ampliação do estágio da graduação para a pós graduação onde à luz dessas reflexões se origina o presente estudo.

2. METODOLOGIA

Ao consultar a Lei Nº 8.069 de 13 de julho de 1990, que dispõe o Estatuto da Criança e do Adolescente, observo que o “Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquele entre doze e dezoito anos de idade”. Desta forma, demonstrando que atualmente delimita-se por idade a fase da infância e adolescência, com isso, fui em busca de como vem se constituindo a infância ao longo da história do nosso país com enfoque no Estado do Rio Grande do Sul, por ser o local de minha formação enquanto docente na área das Artes¹.

Muller (2007), contextualiza em seu texto a construção das infâncias ao longo da história do Brasil, trazendo alguns períodos estudados a partir do século XVI, percebe-se “que a condição econômica sempre diferenciou a forma de vida dos grupos sociais e consequentemente também a das crianças” (p. 95), assim, sendo um dos fatores que determinam a caracterização da construção da infância. Deste modo Muller também ressalta que:

Seguindo esta lógica de argumentação, não é possível falar de uma infância ou de uma concepção de criança. Uma visão ideal sempre veio de acadêmicos letRADOS de ordem científica, religiosa, política e inclusiva de setores populares, mas nas épocas referidas aqui sempre houve várias infâncias, distintas entre si por condição social, por idade, por

¹ Conforme a Lei 13.278, de 02 de maio de 2016, que altera o § 6º do Artigo 26 da Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996 – que fixa as diretrizes e bases da educação nacional referente ao ensino da arte que passa a vigorar com nova redação. Nesse sentido, as artes visuais, a dança, a música e o teatro passam a se constituir em linguagens em componente curricular de que trata o § 2º do mesmo artigo.

sexo, pelo lugar onde a criança vivia, pela cultura, pela época, pelas relações com os adultos. Mas também eram diferentes as infâncias dependendo de quem as olhava, de quem as registrava, de quem comentava, de quem investia nelas. (MULLER, 2007, p. 96).

Sendo assim, ainda é notório nos dias atuais que quem tem a oportunidade por um ensino de melhor qualidade, são as classes com maior poder aquisitivo, enquanto as classes menos privilegiadas acessam o ensino público, que em geral possuem menor estrutura, tanto física quanto profissional. Ainda, é importante mencionar, que para garantir a sua sobrevivência as crianças intermediárias necessitavam trabalhar. Deste modo,

Quanto mais pobre menos tempo de infância. Isto significa que a criança entra no mundo adulto quando sua sobrevivência ou a de membros da sua família está de alguma maneira sob sua responsabilidade, isto é, quando sobreviver depende dela. (MULLER, 2007, p. 98).

Além das desigualdades de classe, outro fator determinante para a reflexão da infância na escola, dá-se a partir do gênero. No Estado do Rio Grande do Sul no ano de 1831, foram criadas as primeiras escolas femininas, onde as meninas aprendiam a costurar, bordar, ler e escrever. Os conteúdos de aprendizagem eram acessados conforme o pagamento, quem podia pagar mais tinha oportunidade de estudar música, dança e desenho. O ensino para os meninos era semelhante, “podiam aprender mais os que pagassem mais” (MULLER, 2007, p. 114), basicamente aprendiam a ler, contar e escrever.

No mesmo período no Estado do Rio de Janeiro os meninos podiam aprender:

Catecismo, religião, política, civismo, matemática puras, matemáticas aplicadas à geografia, marinha, arquitetura e ao comércio, escrituração dobrada, aritmética, álgebra, trigonometria retilínea e esférica, astronomia, pilotagem, geografia, teoria geral do universo, hidrográfica, desenho e figura, pintura portuguesa, língua inglesa, francesa, alemã, italiana, toscana, belas-letras, gramática portuguesa, retórica, ortografia e estenografia portuguesa (MULLER, 2007, p. 114 *apud*, NIZZA DA SILVA, 1981, p. 101)

Assim, podemos observar os privilégios que os meninos tinham em relação a quem podia pagar menos, e em relação às meninas, pois mesmo que algumas tivessem o poder aquisitivo maior que outras, não tinham as mesmas oportunidades que os meninos.

Ao olhar para esse período onde demonstra um leque de possibilidades para os meninos, nota-se o reflexo atual no mercado de trabalho, onde algumas profissões normalmente são ocupadas por homens. Desta forma também podemos relacionar “quanto ao gênero de quem ensinava, a situação foi mudando no século XIX.

O regulamento de ensino da escola no Rio Grande do Sul, em 1859, já admitia que os meninos tivessem aulas com professoras e, em 1878, já existiam aulas mistas” (MULLER, 2007, p. 114). Por esse motivo, trago a seguir, minha primeira experiência no ambiente escolar, através do estágio na graduação no Curso de Dança-Licenciatura, assim, demonstrando um contexto, onde observei brevemente alunos do ensino básico que correspondem a infância, conforme a Lei mencionada anteriormente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste momento apresento brevemente o contexto escolar em que tive a oportunidade de desenvolver meu primeiro estágio na área das Artes com ênfase na Dança.

Conforme a ementa do Curso de Dança-Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, o Estágio em Dança I: educação infantil e anos iniciais², é a disciplina que oportuniza inicialmente os alunos do quinto semestre a atuação docente, e compreende um planejamento de 40 horas/aula, sendo 25 horas/aula obrigatórias e 15 horas trabalhadas em sala de aula e com envolvimento nas atividades escolares.

Atuei como estagiária no período de oito de maio até dezoito de julho de dois mil e dezessete, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora Mediânea, localizada no bairro Centro da cidade de Pelotas/RS, na Rua Almirante Barroso nº 242, que funciona nos períodos manhã e tarde. Ministrei aulas de dança nas segundas-feiras, em duas turmas (20 alunos em cada turma) de 1º ano do Ensino Fundamental, que tem em média crianças de 6 anos de idade. Acreditando que para esta faixa etária é importante trabalhar as percepções sensoriais e a consciência corporal, deste modo, “a dança deve ser incentivada por meio de atividades lúdicas que provocam a exploração do movimento e do ritmo” (STRAZACCAPPA, 2012, p.54).

Sendo assim, pude refletir partindo dessa experiência no contexto escolar, onde algumas vezes é difícil trabalhar com as crianças, devido elas estarem acostumadas a ir para escola “assistir” aula sentadas, ou seja, quando chega um/uma professor/professora para propor atividades diferentes, das que elas não estão acostumadas, algumas sentem vergonha, timidez, outras não conseguem se concentrar, pois não tem o hábito de explorarem seus movimentos.

Segundo os autores Pena, Borges e Borges (2008):

Podemos constatar a expressão destas marcas em algumas práticas escolares como: filas de carteiras, o emparedamento por horas a fio das crianças dentro das salas de aula, as filas indianas, as músicas para todas as atividades, a hora definida de cada coisa, etc. (PENA, BORGES e BORGES, 2008, p. 30).

Assim, ao olhar historicamente para a implementação das escolas, percebemos que perduram diversos fatores como: separação de meninas e meninos; a distribuição enfileira das classes dentro da sala de aula; o intervalo de dez a quinze minutos para lanchar, ir ao banheiro e brincar; alguns “castigos” para alunos por mal comportamento; entre outros.

4. CONCLUSÕES

Nesse texto, busquei fazer uma reflexão inicial sobre a infância relacionada com a história escolar, compartilhando a experiência inicial como docente, onde tive a oportunidade de vivenciar na graduação em Dança - Licenciatura.

² Conforme a ementa do Curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, disponibilizada no Site do Curso: <https://wp.ufpel.edu.br/danca/>

Baseando-me nessa vivência, onde em pouco tempo que passei pelo ambiente escolar, percebi ações e atividades relacionadas com a herança histórica que carregamos ao longo do tempo. Geralmente o sistema escolar hoje se mantém duro e as atividades corporais são raras e tratadas como recompensa, para alunos com “bom” comportamento.

A dança é produzida com o corpo todo, saindo da rotina de classes enfileiradas e do entendimento que somente em silêncio se aprende. Dessa forma temos que entender que podemos aprender em movimento, e fazendo barulho, transformando esse movimento em dança e barulho em música.

A rotina escolar atualmente é resistente a essas linguagens, pois a dança acontece, geralmente nas salas de aula onde ao chegar o professor tem retirar as classes e cadeiras para liberar o centro para as atividades, assim modificando o ambiente que os alunos estão normalmente habituados, gerando assim uma liberdade.

Os fazeres corporais são um modo de comunicação do ser, podendo ser uma ferramenta de aprendizagem, porém são poucos momentos na escola onde as crianças exploram diferentes possibilidades corpóreas. Desta forma quando entramos nos estágios, nossa oportunidade de colocar em prática as vivências da graduação, e ao planejarmos propostas diferentes para os alunos, nos surpreendemos pois as vezes nem a escola está preparada para receber tais planejamentos.

Então trago a reflexão sobre o ambiente escolar, sua constituição histórica referente às infâncias e as relações com esse contexto. Desta forma modifico o meu olhar como docente em constante formação, onde diferentes atravessamentos que ao longo da minha trajetória, vem despertando algumas reflexões como: que tipo de docente eu pretendo ser?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A PRESIDENCIA DA REPUBLICA, LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990.
Acessado em julho de 2019.

A PRESIDENCIA DA REPUBLICA, LEI Nº 13.278, DE 2 DE MAIO DE 2016.
Acessado em agosto de 2019.

MULLER, Verônica Regina. História de crianças e infâncias: registros, narrativas e vida privada. **Coleção Infância e Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. (p. 95-143)

STRAZZACAPPA, Márcia. Dançando na chuva ... e o chão de cimento. IN: **O ENSINO DAS ARTES: CONSTRUINDO CAMINHOS**, 10ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012, p. 39-78.

PENA, Alexandra, BORGES, Isabel C. B., BORGES, Leonor P. Aconchego do corpo na escola. **O Corpo na escola**, Salto para o futuro, boletim 04, p. 28-39, abr. 2008, p. 28-39.